

KAHN, Charles H. *Plato and the socratic dialogue – The philosophical use of a literary form*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

Nos meios acadêmicos, Charles Kahn dispensa apresentações. O autor de inúmeros artigos sobre o verbo ser e da edição dos fragmentos de Heráclito¹ apresenta seu primeiro livro sobre Platão, que reúne idéias já publicadas em diversos artigos. Como o próprio subtítulo faz questão de mostrar, trata-se de uma análise dupla dos diálogos: quanto ao seu aspecto de forma literária e quanto à filosofia que faz uso desse meio, mesmo que dele desconfiando, para se expor.

O diálogo socrático como forma literária é a tese muito bem articulada do primeiro capítulo. Influenciado pela obra de Giannantoni², Kahn mostra como, a partir dos fragmentos que restaram, é possível reconstruir uma justificativa para a afirmação aristotélica de que os *Sokratikói logoi* formariam um gênero³, evidenciando, com isso, que autores como Xenofonte, Antístenes, Aristipo, Fédon e outros teriam se dedicado a esse modo específico de composição. Partindo dessa premissa, Sócrates passa a ser compreendido como um personagem usado artisticamente por Platão, não havendo qualquer comprometimento, quer com a representação de ações do Sócrates histórico, quer com a necessidade de ser esse protagonista um expositor privilegiado do pensamento do autor. O diálogo socrático seria, portanto, essencialmente ficcional, sendo a sua verossimilhança histórica apenas fruto de seu realismo dramático.

Nessa compreensão, por sinal muito interessante, do sentido do diálogo, Kahn se propõe a revelar isso que faz Platão se destacar tanto dos outros autores socráticos: além de artista literário supremo, ele foi um grande filósofo. Contudo, nosso autor vê na genialidade platônica não a realização de uma unidade de, digamos, forma e conteúdo, mas antes o uso de um gênero com a finalidade da revelação de algo que lhe é externo e superior, a filosofia – dicotomia de resto já mencionada no subtítulo da obra.

¹ Sobre Heráclito, cf. KAHN, Charles H. *Art and thought of Heraclitus. An edition of the fragments with translation and commentary*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981. Sobre o verbo ser, cf., entre outros, KAHN, Charles H. The verb to be in ancient Greek. In: VERHAAR, W. M. (ed.). *Foundations of language*. Reidel, 1973. [Supplementary Series, vol. 16]. Temos em português a tradução de alguns artigos de Kahn sobre o verbo ser em KAHN, Charles H. *Sobre o verbo grego ser e o conceito de ser*. Tradução de Maura Iglésias, Irley F. Franco e Fernando Rodrigues. Rio de Janeiro: Núcleo de Filosofia Antiga do Departamento de Filosofia da PUC-Rio, 1997. [Cadernos de tradução 1]

² GIANNANTONI, Gabriele. *Socraticorum reliquiae*. Roma: Edizione dell' Ateneo, 1983. 4 v.

³ ARISTÓTELES. *Poética*, 1447b11.

A partir dessa separação, a obra será dedicada à exposição da filosofia que perpassa todos os diálogos, caindo no imperativo da determinação de sua cronologia. Discordando tanto da visão unitária – em que a filosofia platônica é uma, sendo a diversidade dos diálogos devida a motivos pedagógicos – quanto da visão desenvolvimentista – segundo a qual Platão teria mudado de opinião ao longo da vida, o que seria de certa forma comprovado pelas análises estilísticas – Kahn acaba optando por um modo misto de classificação. Essa saída intermediária quer explicar as diferenças teóricas nas obras platônicas como um modo de preparação para a exposição de uma filosofia una, a sua exposição e a colocação de críticas a ela, dispondo, portanto, os diálogos em três grupos.

Tendo sido definido como o escopo do presente livro a interpretação dos diálogos ditos socráticos, ou seja, dos que mais se aproximam do gênero já difundido na Grécia, Kahn vai caracterizar esse primeiro grupo – que inclui *Apologia*, *Críton*, *Íon*, *Hípias Menor*, *Górgias*, *Menexeno*, *Laques*, *Cármides*, *Eutífron*, *Protágoras*, *Mênon*, *Lísias*, *Eutidemo*, *Banquete*, *Fédon* e *Crátilo* – como proléptico ou “ingressivo”.⁴ Trata-se de entender como todos esses textos, não importando tanto a cronologia interna ao grupo⁵, funcionam – e essa é a tese que perpassará todo o restante do livro nas análises de cada um deles – como uma preparação do leitor, através de refutações e aporias, para a teoria que será exposta na *República*. Tal orientação sistemática forneceria uma perspectiva não apenas para a compreensão de cada diálogo, mas também para a articulação dos diálogos entre si, uma perspectiva que, na definição de Kahn se revela como o “comprometimento com uma metafísica transcendente e com o severo ideal moral socrático”.⁶

A análise que se prolonga entre os capítulos 3 e 9 se dedicará, muito mais do que a uma compreensão de cada diálogo tematizado, à extração, dos diálogos prolépticos, de procedimentos e definições que serão fundamentais para a *República*. Desse modo, a *Apologia* traria a primeira inovação platônica: a exigência que Sócrates faz da definição para a certificação de um conhecimen-

⁴ Aqui optamos por não traduzir o termo “ingressivo” do inglês por ser ele estranho à própria língua inglesa. A tentativa do autor – que foi também a nossa – é a de contrapor ao movimento de avanço da teoria desenvolvimentista (progresso) a um movimento de aprofundamento presente no sentido de ingresso.

⁵ Kahn afirma que “... não há realmente razão para excluir a possibilidade de que ele [Platão] trabalhasse em vários diálogos ao mesmo tempo.” (KAHN, Charles H. *Plato and the socratic dialogue – The philosophical use of a literary form*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 45).

⁶ KAHN. op. cit., p. xv, xvi.

to (prioridade epistêmica), o que configura o caráter dos argumentos refutativos dos primeiros diálogos (*élenkhos*). O *Górgias* traria a analogia (*epagogé*) como forma de argumentação, enquanto o *Laques*, o *Cármides* e o *Eutífron* apresentariam a aporia como um estágio importante na busca pela definição das essências.

Kahn levanta questões interessantes ao longo de sua exposição dos diálogos, tais como a relação entre poesia e arte (*tékhnē*) no *Íon*, a falsidade moral da conclusão do *Hípias Menor*, o intelectualismo socrático nos diálogos de definição, o conhecimento do conhecimento no *Cármides*, o paradoxo da *akrasía*, isto é, da impossibilidade da realização voluntária de más ações, no *Protágoras*, o objeto do desejo no *Banquete* e as falácias do *Entidemo*. Antevendo que a discussão dessas questões requereria, no mínimo, um artigo para cada uma delas, nos propomos aqui a discutir a solução unificadora encontrada por Kahn, segundo a qual todas as diferenças entre as conclusões desses diálogos “ingressivos” e a doutrina da *República* seriam abolidas se partíssemos de uma compreensão melhor e mais aprofundada da filosofia platônica.

Se assim é, temos que um diálogo com a obra de Kahn se pauta inevitavelmente por uma discussão sobre a *República*. Mas o que é, para o nosso autor, a doutrina da *República*? Trocando em miúdos, pode-se dizer que se trata da dialética e da teoria das idéias. O dialético é então definido como “o que vê as coisas em conjunto”⁷ (*synóptikeos*) e que procede “através do discurso [*lógos*] sem percepção sensível em direção ao que cada coisa é em si mesma [*ep’ autò hò éstin hékaston*] e não desiste antes que ele alcance o que é o bem em si mesmo [*autò hò éstin agathòn*] através da própria intelecção [*nóesis*]”⁹. Mesmo apresentando, em seguida a essa definição, definições posteriores da dialética (no *Fedro* e no *Parmênides*), Kahn ressalta que em todas elas está presente o sentido de um acesso a uma mesma realidade imutável e supra-sensível, em outras palavras, às idéias.

As idéias representam esse papel central na epistemologia platônica precisamente porque elas constituem as entidades básicas em sua ontologia. Além disso, como a fonte do valor e do objeto último do desejo, as idéias são igualmente fundamentais na psicologia moral platônica [...]. Na teoria ética e política, elas fornecem um paradigma, um padrão a ser imitado na vida moral assim como na construção e no governo da melhor cidade. Também na teologia as

⁷ KAHN, C. op. cit., p. 293 e 359.

⁸ KAHN, C. op. cit., p. 296, citando PLATÃO. *República*, 537c7. A intenção aqui é a de traduzir para o português a tradução que Kahn faz do grego para o inglês, a ver se se consegue discutir a dialética tal como Kahn a compreende.

⁹ KAHN, C. op. cit., p. 296, citando PLATÃO. *República*, 532a6-b1.

*idéias são paradigmáticas, já que é pela sua relação com as idéias que os próprios deuses são divinos (Fedro, 249c). No Crátilo e no Sofista, as idéias fornecem a base para uma teoria da linguagem; no Timeu, elas constituem a moldura para a cosmologia e a filosofia da natureza platônicas. No Banquete e no Fedro, a idéia da beleza funciona como um princípio para a estética e sobretudo para uma explicação do amor, incluindo uma explicação daquela forma privilegiada de eros que constitui a vida na filosofia.*¹⁰

Ao vê-las assim definidas parece-nos clara a importância das idéias para Platão. Porém compreender a sua importância e seu papel fundamental em tantas áreas do conhecimento não leva a compreender o que elas, de fato, são. Ao contrário, tantas definições e usos para uma mesma “coisa” parecem trazer apenas mais dúvidas quanto ao que isso pura e simplesmente é. Assim, mesmo sem saber o que são as idéias, deduzimos que a sua teoria é uma bela e completa explicação que dá conta de todos os processos do conhecimento, do amor, da alma, da natureza, da relação com os deuses e tudo o mais. Mas como será isso?

Theoría, em grego, é, como nosso autor afirma, “um modo de ver e contemplar o mundo”.¹¹ Se assim é, poderíamos traduzir *theoría* por perspectiva. Porém, muitas das vezes Kahn caracteriza essa contemplação como “doutrina”, como “conjunto de proposições sistematicamente conectadas”, do que se pode dizer ser “coerente”.¹² Ao usar o termo *theory* em inglês, Kahn parece abrir mão do sentido mais próprio ao termo grego em nome de uma noção de sistema filosófico que, segundo ele mesmo, fundamentando todo o pensamento platônico, às vezes se ausentaria e às vezes surgiria com aparência bem modificada ao longo dos diálogos.

Quanto às idéias, Kahn irá defini-las como o “Ser essencial tal como é especificado pela questão o-que-é-X?”, ao mesmo tempo que rejeita a relação entre *idéa*, *eídos* e *ideîn* como uma metáfora visual dispensável.¹³ A esse Ser, Kahn irá atribuir algumas definições: ele se opõe ao vir-a-ser e à aparência, se comportando como o um em oposição aos muitos, sendo provavelmente separado do sensível, de apreensão apenas inteligível e mantendo esse sensível com ele uma relação menos de participação que de imitação.

Ao definir o dualismo epistêmico e metafísico, configurado pela

¹⁰ KAHN, C. op. cit., p. 329.

¹¹ KAHN, C. op. cit., p. 330.

¹² KAHN, C. op. cit., p. 330.

¹³ KAHN, C. op. cit., p. 355.

diferença entre as idéias e o mundo sensível, como o esquema básico pressuposto em todos os diálogos (mesmo nos posteriores)¹⁴, Kahn acaba por definir a teoria das idéias como uma visão transcendente (*otherworldly*, de outro mundo) da realidade. Toda essa transcendência, de certo modo justificada pela oposição ao mundo sensível se conjugaria, segundo nosso autor, muito bem com os mitos platônicos, que marcariam a entrada, no Ocidente, das tradições mitológicas orientais.¹⁵ A teoria das idéias é portanto definida tanto como um sistema, quanto como uma experiência mística, que só pode ser expressa em uma linguagem erótica.¹⁶

Nem tanto ao mar, nem tanto à terra. A impressão que temos frente à obra de Kahn é de que, não houvesse tanta busca de sistematização, não seria necessário tanta mística. Não que sistema e mística não possam ser atribuídos a Platão, mas é preciso, antes de tudo, saber qual a sua medida, justificar o imperativo dessa atribuição. Ao nosso ver, não procede a radical dualidade metafísica, isso porque há que se entender como as idéias se relacionam com as coisas sensíveis.

A separação (*keborismós*) das idéias é colocada em suspenso pelo próprio Kahn¹⁷, como um atributo aristotélico às idéias platônicas, que teria como origem as várias ocorrências do advérbio *keborís* no *Parmênides*. É nesse momento que esse diálogo se mostra como o X da questão sobre a teoria das idéias. Pensar as idéias como separadas, em oposição radical a tudo o que vem a ser, é cair na ingenuidade do jovem Sócrates do *Parmênides*.¹⁸ Ao contrário do nosso comentador, o que queremos ver no *Parmênides* como a teoria das idéias não é a sua primeira parte – o mais alto conhecimento humano não seria tão facilmente refutado – e não é por acaso que Platão faz questão de apresentar aí um Sócrates jovem, que ainda tem muito a aprender. A teoria das idéias no

¹⁴ KAHN, C. op. cit., p. 384.

¹⁵ KAHN, C. op. cit., p. 66-68.

¹⁶ KAHN, C. op. cit., p. 275: “Assim como com as místicas religiosas através dos tempos, a experiência platônica do contato intelectual com as suas Entidades transcendententes é tão forte que somente a linguagem da união sexual parece adequada para lhe dar expressão”.

¹⁷ KAHN, C. op. cit., p. 349.

¹⁸ Dois sentidos de separação (*keborismós*) se alternam na obra platônica. No primeiro deles, separação é a completa falta de relação. Platão é incisivo na refutação desse sentido, não só no *Parmênides* (PLATÃO. *Parmênides*, 130b2-3) como alhures (por exemplo PLATÃO. *Sofista*, 249b12-c2). Por outro lado, a separação é também compreendida como a origem da relação, ou seja, a unidade que estabelece toda a multiplicidade, como pode ser visto no sentido de *kebóra* no *Timeu* (PLATÃO. *Timeu*, 52a8-d4). Infelizmente Kahn, ao tratar da separação, parece só entendê-la no primeiro sentido, haja visto o modo como ele mesmo refuta esse hipótese em favor da participação e da imitação (Cf. KAHN, C. op. cit., p. 349). Toda a nossa tentativa nesse texto pode ser resumida como uma opção pelo segundo sentido de separação, que traria às idéias um caráter diferente.

Parmênides é exposta nas hipóteses da segunda parte, onde se vê o que é o Um – questão levantada exatamente em relação às idéias e à possibilidade de sua separação.¹⁹

A identificação da idéia com a unidade está presente na *República* e Kahn atesta essa copertinência, sem, contudo, se dedicar a explicitar como ela ocorre. Ora, não só a *República*, como também o *Parmênides* indicam que essa relação se dá subitamente (*exaíphnes*): súbito se sai da caverna e se vê o sol, súbito o que não se movimentava passa a se movimentar.²⁰ A relação entre as idéias e o mundo sensível é algo extra-temporal, que acontece antes do movimento do tempo (*kbrónos*). Se, no *Timéu*, o tempo é a imagem móvel do eterno (*aión*)²¹, esse eterno é o que caracteriza a não geração e não corrupção das idéias, o que atestaria a caracterização que Kahn faz das idéias em oposição ao vir a ser e às imagens. Mas como se deve entender essa oposição?

Já definida a impossibilidade de separação radical das idéias, a oposição só pode ser compreendida como uma relação. Se entendida como o *pólemos* heraclítico²², ou seja, se a vimos como um princípio que, unindo ou desunindo, mantém tudo em relação, a oposição desses dois “mundos”, quer como imitação, quer como participação, não precisa cair, para de novo citar o *Parmênides*, na ingenuidade do argumento do terceiro homem, colocando a relação como um outro componente que une idéias e mundo sensível.²³ As idéias são, de certo modo, a própria relação, a própria participação e a própria imitação.

Em outras palavras, o *Ser* essencial, buscado na pergunta o-que-é-X?, é simultaneamente o que ultrapassa X, sendo portanto capaz de lhe dar determinação, e a manutenção dessa relação de determinação. A idéia como essa relação súbita, original, que articula a multiplicidade em uma unidade, não é algo comum à mística oriental; ao contrário, é esse sentido que faz surgir a filosofia no ocidente. As idéias não seriam, portanto, de ou em um outro mundo (*otherworldly*), sendo, isso sim, exatamente isso o que o nosso mundo do vir a ser e da corrupção verdadeiramente é.

Com essa breve, por vezes precipitada, apresentação de uma outra compreensão da teoria das idéias visamos a uma crítica à sistematização cro-

¹⁹ PLATÃO. *Parmênides*, 130b2-5.

²⁰ PLATÃO. *República*, 515c7 e PLATÃO. *Parmênides*, 156d2-3.

²¹ PLATÃO. *Timéu*, 37d6-8.

²² DK 22 [12] B 53: A guerra (*pólemos*) é o pai de todas as coisas.

²³ PLATÃO. *Parmênides*, 132e6-133a3.

nológica dos diálogos feita por Kahn. Talvez seja injusto lançar mão do *Parmênides*, um diálogo que não é diretamente o tema da obra, para encaminhar essa objeção. Contudo, se se entende esse diálogo não como uma revisão platônica à sua versão da teoria das idéias anteriormente exposta na *República*, mas como uma reafirmação da teoria através da refutação de compreensões errôneas e limitadas do que foi, é ou será exposto como idéia na *República*, cai por terra a divisão dos diálogos em três grupos.

Tendo tudo isso em vista, parece-nos muito pouco razoável a consideração de todos os diálogos prolépticos se, e somente se, a partir da *República*, entenda-se, a partir da dialética e da teoria das idéias. Muito mais interessante seria tentar entender, por exemplo, como essa unidade do Ser essencial está presente como *dynamis* no *Hípias Menor*, ao invés de ver aí apenas aporias que abririam alas para a *República*.²⁴ Muito menos esforço seria necessário para se ver surgir no *Protágoras* uma unidade que reúne prazer e bem, do que um argumento racionalista onipotente que teria como objetivo apenas persuadir os muitos, não sendo, portanto, válido como uma exposição da alma humana tal como Platão a entenderia, a qual só viria à baila na *República*.²⁵

Além dessa consideração não teleológica dos diálogos socráticos, muito benéfica à compreensão da filosofia platônica seria a não distinção entre forma e conteúdo. A determinação dos diálogos socráticos como um gênero comum a outros autores faz com que Kahn despreze a escolha de Platão por esse gênero como um modo privilegiado de expor o seu pensamento. Mesmo não sendo ele o criador dessa forma de apresentação, não é casual que Platão tenha escrito em diálogos: a dialética exige o diálogo como gênero. Se Platão se difere dos outros autores de diálogos socráticos por ser um artista literário supremo e um grande filósofo não é porque, à habilidade dos outros autores, ele conseguiu somar a filosofia. Platão é Platão porque criou algo radicalmente diferente do que os outros faziam, instaurou uma nova arte onde literatura e filosofia são indissociáveis.

Se pensamos assim, ganhamos uma visão muito mais ampla e detalhada do que seja a filosofia. No *Górgias*, por exemplo, podemos ver que, mais do que da refutação socrática aos prazeres defendidos por Cálicles, trata-se de uma imagem de como o que vem a ser e perece pode dialogar com o que é sempre imutável; ou seja, o diálogo entre Sócrates e Cálicles é uma analogia

²⁴ KAHN, C. op. cit., p. 113 e 117.

²⁵ KAHN, C. op. cit., p. 240, 246-247.

tão boa quanto a da caverna para se falar da teoria das idéias. Algo de semelhante pode ser identificado no *Banquete*, onde além de se ver o discurso sobre a teoria das idéias na voz de Diotima, pode-se vê-lo nas vozes daqueles que, antes de Sócrates, elogiam o amor.

A certa altura no *Protágoras*, a hipótese de que as virtudes se relacionem entre si como as várias partes do rosto é refutada em função de uma unidade que se assemelharia às partes do ouro.²⁶ Talvez aqui Platão esteja apontando para o sentido dos seus diálogos. Não se trata de vê-los como partes que desempenham funções específicas em um todo sistemático, mas, sim, de ver como em todos eles está presente o que há de mais valioso.

Carolina Araújo
Doutoranda em Filosofia - UFRJ

²⁶ PLATÃO. *Protágoras*, 349a7-d1.